

Especial PME e gestão da energia

Competitividade. O setor da energia tem alternativas para os pequenos e médios empresários. Não se trata só de preços, mas sim de qualidade, adequação aos projetos e manutenção. A EDP diz estar preparada para ter constante diálogo com os clientes na procura de novas soluções, de forma transparente e para gerar maior competitividade

Há soluções e apoios para empresas terem eficiência energética

DAVID MANDIM e SÉRGIO PIRES

O ciclo económico está em mudança e a eficiência energética será decisiva para as empresas portuguesas, sejam pequenas, médias ou grandes, conseguirem inovar e posicionar-se no mercado global. Os preços não são tudo: hoje é preciso planeamento e fluxos de informação que tornem parceiros os fornecedores e as empresas. Para mais, há apoios comunitários para se apostar em negócios e alternativas energéticas. António Mexia, presidente do conselho de administração executivo da EDP, diz que os preços em Portugal são competitivos e que a EDP está aberta à partilha de informação e transparência com os seus clientes.

"Portugal é competitivo a nível de energia e não há nenhum problema de competitividade a nível de energia elétrica", afirmou António Mexia no debate que encerrou o seminário Os Desafios das PME e a Gestão de Energia como Instrumento de Competitividade, organizado pela EDP em parceria com o DN e que ontem decorreu na Casa da Música, no Porto, reunindo dezenas de pequenos e médios empresários. Para exemplificar, apontou Espanha, onde, segundo António Mexia, os preços são mais altos cerca de 20%.

Recusando que a EDP continue "a ser o bode expiatório para algumas pessoas preguiçosas", Mexia condenou a demagogia que a questão dos custos da energia conhece em Portugal. "O debate em Portugal tem estado erradamente centrado nos preços, quando a questão central é o que podemos fazer para reduzir a fatura energética." Deu o exemplo da Autoeuropa, que diz que o país tem "os preços mais competitivos de energia na Europa". Por isso, e "por mais tabelas que mostrem", o gestor da EDP diz que o futuro passa pelo ge-

rar "mais partilha de conhecimento" com os clientes, mais informação e transparência. "Estamos disponíveis para partilhar as melhores práticas e com isso gerar mais eficiência", disse.

O tema em debate, já na parte final do seminário, em que os empresários puderam conhecer soluções alternativas, modelos de gestão e manutenção e apoios para a eficiência energética, era "Os desafios das PME e a energia como fator de competitividade". Neste contexto, Augusto Mateus apontou que Portugal "virou uma página" com os três anos de ajustamento, "mas falta fazer quase tudo". O economista disse que estamos perante um novo ciclo económico, em que

"o principal desafio é transformar informação em conhecimento". Avisou que é importante "concentrar recursos naqueles que merecem" e ter as empresas de todas as dimensões a serem eficientes e a exportar mais. O investimento também é necessário: "Precisamos de mais Portugal no mundo e mais mundo em Portugal."

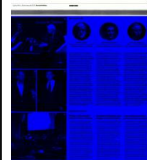
Em termos de energia e sustentabilidade, Augusto Mateus disse que "baixar o teor de carbono é decisivo para o futuro", assim como "desperdiçar menos", o que pode ser feito tendo em conta os múltiplos fatores de produção de energia hoje existentes. E, numa ideia que foi generalizada durante o seminário, frisou que a energia atualmente "é muito mais do que o preço: é serviço, planeamento, estratégia".

Rui Moreira, presidente da Câmara do Porto, falou sobretudo da cidade, mas concordou com Mexia na questão dos preços da eletricidade e, mesmo no caso dos custos, com as energias renováveis: "Tem um peso sobre os consumidores privados, mas é bom para a competitividade e tem sustentabilidade. O Porto quer afirmar-se como "uma cidade confortável e interessante", binómio difícil de atingir em que a "energia é fundamental", com uma estratégia ambiental e um consumo sustentável. Exemplificou que a autarquia pretende ter 70% da frota de ligeiros movida a energia elétrica até 2017. E alargou a ambição no que toca à redução de emissões de dióxido de carbono. "A meta europeia é reduzir em 20% até 2020, mas o Porto quis ir mais longe e aponta para 45%", disse.

O autarca referiu que este tipo de aposta "não é tão visível", mas é um rumo seguro: "Queremos uma cidade atraente enquanto ponto de consumo sustentável, e os mais jovens são muito sensíveis a estas questões. Fazer política é fazer opções. Estamos a fazer uma sementeira."

1. O presidente da EDP, António Mexia, o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, e o economista Augusto Mateus discutiram os desafios das PME e a energia como fator de competitividade
2. Borges Gouveia, presidente da Associação das Agências de Energia e Ambiente (Rede Nacional)
3. Carlos Carapeto, diretor da Assistência Empresarial do IAPMEI
4. Vítor Ribeiro, CEO do Global Media Group
5. Miguel Estivill, administrador da EDP
6. Nuno Carvalhina, pres. Associação Nacional PME
7. Elisabete Sousa, CFO da Rembalcom
8. Pedro Neves Ferreira, diretor de Planeamento Energético da EDP
9. Uma Casa da Música com lotação esgotada assistiu às apresentações de Elisabete Sousa, Paulo Moura (Inspira Santa Marta Hotel) e Miguel Jorge (Herdade do Esporão), com moderação de Manuel Queiroz





EM DISCUSSÃO



DANIEL BESSA
Diretor-geral da COTEC salientou fraco aproveitamento das universidades

Os resultados da inovação em Portugal são fracos e para o economista Daniel Bessa esse resultado deve-se em particular à falta de aproveitamento do conhecimento gerado pelas universidades. "Há muitos doutorandos em ciência e tecnologia mas só 2% a 3% estão nas empresas, quando na UE há países com 30% e 40%. As patentes registadas pelas universidades rendem apenas 9% da média comunitária. Quanto às *start-ups*, mais importante do que saber quantas se criou é saber quanto ganhou a universidade com isso. Essa é a medida de sucesso nos Estados Unidos", argumentou o diretor-geral da COTEC, associação empresarial para a inovação, na abertura do seminário promovido pela EDP, ontem na Casa da Música, no Porto, onde apontou a inovação como caminho para a diferenciação no espaço europeu: "A Europa é assumidamente cara e essa ditadura do elevado custo condiciona a nossa competitividade, pelo que o caminho é produzir a diferença."



ANTÓNIO COUTINHO
Administrador da EDP Comercial realçou a capacidade de produção energética

Portugal está numa posição confortável no que respeita a meios de produção para o consumo que tem de satisfazer em termos de eficiência energética, e isso será uma vantagem futura em termos competitivos", defendeu António Coutinho, administrador da EDP Comercial, salientando que "a liberalização no setor da energia veio para beneficiar as empresas do ponto de vista da redução de custo, garantia de serviço e melhoria de relacionamento com o comercializador". No painel "A Gestão da Energia como Instrumento de Competitividade", Pedro Neves Ferreira, diretor de planeamento energético da EDP, apontou como objetivo a redução do consumo em 20% e o aumento também em 20% do peso da energia renovável a nível nacional até 2020. Joaquim Borges Gouveia, presidente da Rede Nacional de Ambiente e Energia, salientou a importância da "sustentabilidade do consumo e energia", que irá "traduzir-se na melhoria da competitividade para as empresas nacionais".



JOSÉ VITAL MORGADO
Administrador da AICEP falou dos apoios do quadro de referência 2020

Até 2020, 21 mil milhões de euros de apoio comunitário estarão à disposição do desenvolvimento e da competitividade. E esse foi o tema central do painel "As PME num Novo Quadro de Referência", em que o administrador da AICEP José Vital Morgado explicou a importância de aproveitar a oportunidade para a "internacionalização e qualificação das PME". Num painel onde foram divulgadas ideias inovadoras, como a introdução de vales de internacionalização, que permitem subsidiar até 15 mil euros as primeiras iniciativas na vertente exportadora, Carlos Carapeto, diretor do IAPMEI, destacou que "a inovação do produto, dos processos do *marketing* e da organização são fundamentais para definir o apoio às PME" no âmbito do programa Portugal 2020. Tal como Nuno Carvalhina, presidente da Associação Nacional de Pequenas e Médias Empresas, que focou "investigação, desenvolvimento e inovação produtiva como instrumentos fundamentais para a competitividade".



CASOS DE SUCESSO

Mudar contrato para reduzir muito os custos

Sediada em Barcelos, a Rembalcom é uma empresa do setor da embalagem, que exporta 69% dos produtos. De acordo com Elisabete Sousa, responsável pela gestão financeira da empresa, os custos energéticos reduziram de forma acentuada com medidas tomadas nos anos mais recentes. Em 2013 representavam 49%, no ano passado baixaram para 27%. Qual foi o caminho? "Renegociámos o contrato com a EDP e entrámos no mercado indexado. É um risco, porque preços variam com o mercado, mas o futuro tende para a redução das tarifas", explicou Elisabete Sousa, para quem esta via "é uma aposta no futuro" de uma empresa que começou por se dedicar apenas ao comércio e só nos últimos anos arrancou a produção. O crescimento em 2014 foi de 22% com o número de funcionários a aumentar anualmente, até aos 62 atuais.

Herdade do Esporão quer chegar ao autoconsumo

Tudo começou com a água. A Herdade do Esporão, sediada no Alentejo mas já com uma extensão no Douro, conseguiu passar de um consumo de 30 milhões de litros de água para 15 milhões. Em parceria com a EDP, avançou em 2012 com uma auditoria energética e iniciou logo depois a monitorização. "Era fundamental perceber onde se gastava mais energia", explicou Miguel Jorge, diretor de Manutenção e Investimentos da empresa. Em 2014 começaram a ser aplicadas diversas soluções, como iluminação led, centrais fotovoltaicas e outras. Este ano a herdade, que produz vinho (30% da vinha é certificada) e azeite, pretende queimar o caroço da azeitona para gerar água quente. "O futuro é ter independência energética, o autoconsumo. Não sei se vamos conseguir mas é esse o nosso caminho", referiu o responsável.

Um hotel sustentável para se tornar um oásis

A sustentabilidade foi, desde o início, um dos princípios que definiu o Inspira Santa Marta Hotel em Lisboa. A gestão energética foi pensada para levar a unidade hoteleira a ser fornecida a 100 por cento por fontes renováveis. Painéis solares, economizadores, sensores de movimento, e muitos outros equipamentos são utilizados no hotel, em que a equipa de colaboradores está também focada em implementar bons princípios ambientais. "Em 2014 tínhamos reduzido os consumos de gás em 25% por cliente e na eletricidade em 23%", explicou Paulo Moura, administrador do hotel. Para o futuro, há desafios de otimização da iluminação e dos consumos de gás. É candidato este aos prémios de Europe Leading Green Hotel e ao igual português. "Mais de 90% dos clientes são estrangeiros cada vez mais sensíveis à questão da sustentabilidade energética."



FOTOGRAFIA: FERNANDO PEREIRA / GLOBE IMAGES